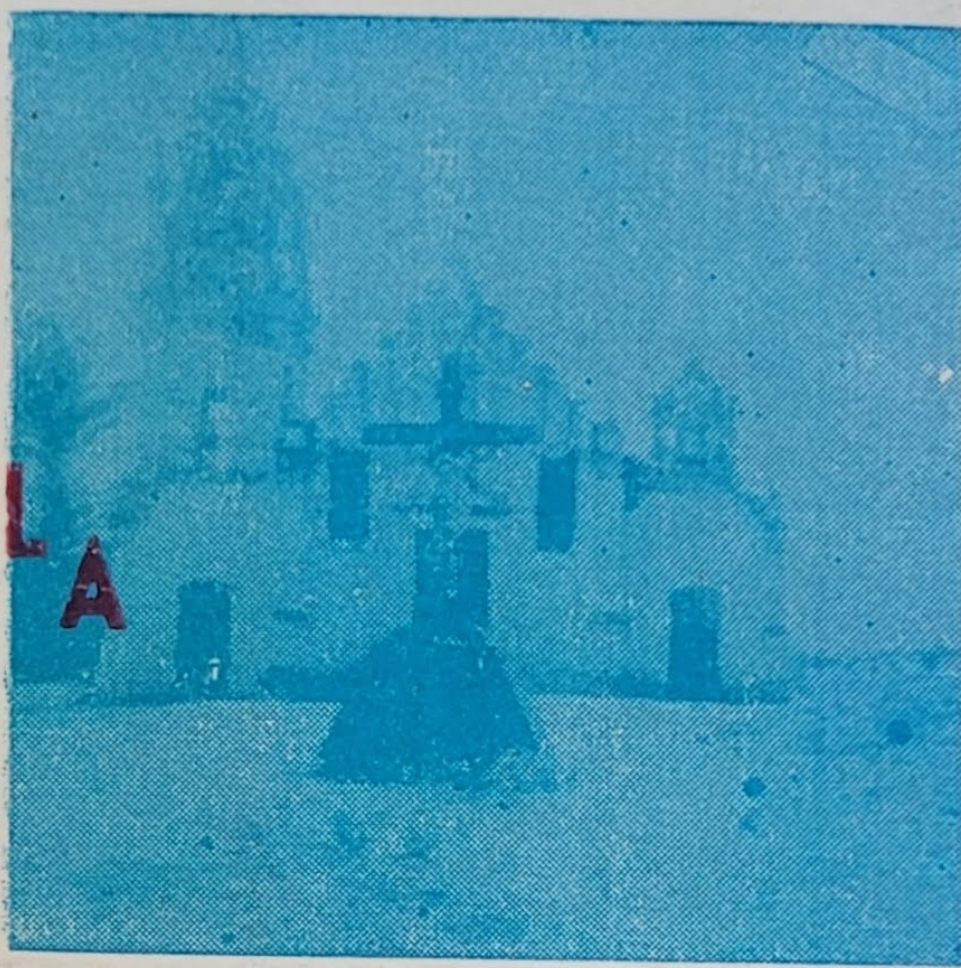
JOSÉ SILVA NOVO

ALMOFALA DOS REMEMBÉS



Florival Seixas, Pompeu Sobrinho e outros estudiosos já se referiram a ALMOFALA e aos Tremembés. José Silva Novo, no entanto, tem a primazia de, após um íntimo contacto com o lugar e o que resta do grupo indígena ali estabelecido, falar, com o conhecimento pessoal dos fatos e dar um depoimento sincero e por vezes comovente do sistema de vida da aldeia ALMOFALENSE.

Somos um país sem tradições e, o que é pior, pouco interessados em criá-las, como se elas não fossem a própria base da cultura. Nosso folclore se extingue rapidamente. Sociólogos, etnólogos, antropólogos, pesquisadores, pouco se empenham de cimentar as diretrizes de um trabalho capaz de resguardar o que de original e puro subsiste de nossa civilização pretérita.

José Silva Novo, investindo contra tal estado de coisas, gastou seus próprios recursos, foi conhecer Almofala e convi-

JOSÉ SILVA NOVO

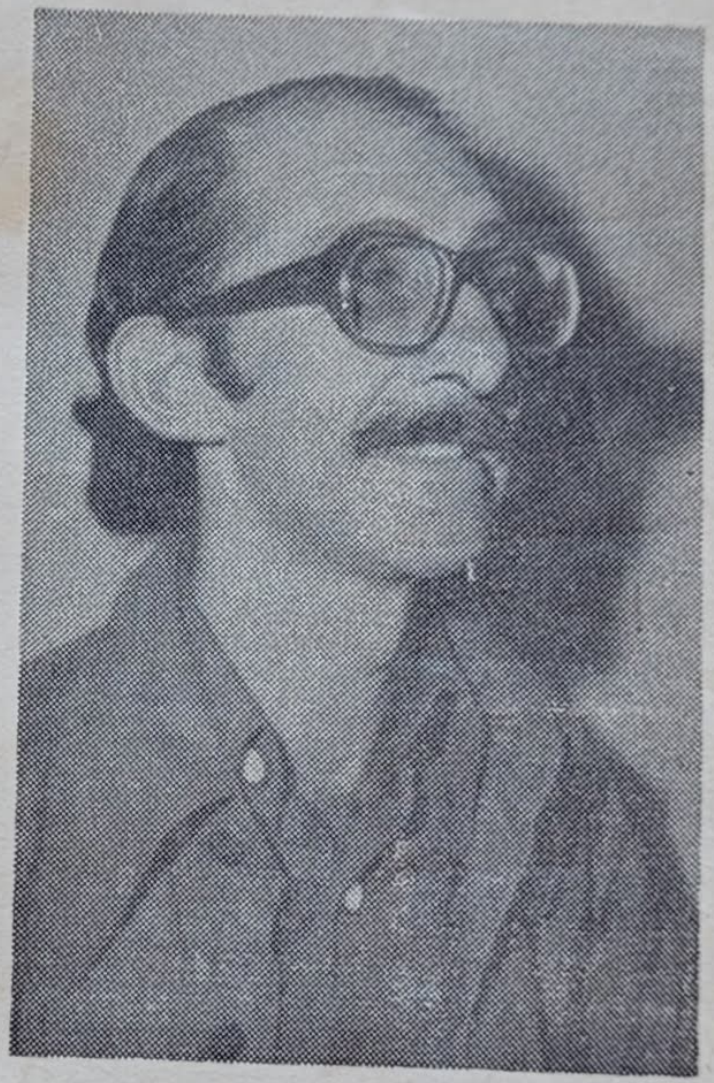
ALMOFALA DOS TREMEMBÉS

GRÁFICA EDITORIAL CEARENSE
FORTALEZA—CEARÁ
1976

CE
981.31
N935a
ex2
t. 034840 002

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
DE: BELA CRUZ

REGISTRO	DATA
348	22-12-78
ORIGEM	PREÇO
COMPRA	



José Silva Novo

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

FICHA DO AUTOR :

José Silva Novo

Cursou Filosofia-pura e Metafísica no Seminário Maior de São Vicente de Paulo, Petrópolis--Rio — Professor do Magistério Oficial do Estado do Ceará. Leciona no Colégio Estadual Joaquim Magalhães de Itapipoca (Ce).

Ex-Presidente da Comissão Municipal do MOBRAL de Itapipoca. Coordenador do Ensino Supletivo da 13.ª Região do Ensino do Estado. Coordenador da Casa do Estudante de Itapipoca.

OBRAS PUBLICADAS:

"Eu e os Outros" (Poesias—Esgotado)
(Editora Henriqueta Galeno — 1970)
"Pingos de Sangue" — Gráfica Editorial
Cearense (Esgotado)

No Prelo :
Almofala dos Tremembés — Folclore
Educação Artística — Didático
(Gráfica Editorial Cearense)

Em preparo :
Meus diversos ritmos de versos (Poesia)
As Escolhidas (Poesia)

CAPA :

Na foto acima vê-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, construida em 1702, pelos índios TREMEMBÉS, tendo a mesma passado 46 anos soterrada sob as donas.

Em baixo uma foto de Nossa Senhora da Conceição esculpida toda em madeira, verdadeira obra de Arte, padroeira de Almofala.

OFERECIMENTO :

A todos os que comigo colaboraram para a publicação dêste livro documentário que há tantos anos me foi inspirado e há tanto tempo pesquizado.

Ao meu pai, irmãos, sobrinhos, cunhados e parentes. A todos os pesquizadores do Ceará e do Brasil.

À Almofala, aonde muito fui e onde sempre encontrei apoio.

Ao Hélio e ao querido mano Eliseu que tanto desejou ler este opúsculo e desapareceu antes do tempo.

À Magé que muito me ajudou nas pesquizas.

Ao Trairi, à Itapipoca e ao Acaraú.

AGRADECIMENTOS:

Ao Dr. Manoel Nourival Nobre

Á Gráfica Editorial Cearense, na pessoa de todos os seus funcionários.

Meu agradecimento todo especial ao Sr. Antônio Barros Sousa que, além de me ajudar na Casa do Estudante de Itapipoca da qual é o atual Presidente — colaborou comigo na feitura deste livro, desde a primeira à última palavra.

UMA EXPLICAÇÃO

"Folclore é a Ciência que estuda todas as manifestações coletivas da Cultura Popular Primitiva". É isso aí, gente, o que comento com meus alunos nas aulas de Educação Artística. Por conseguinte, o Folclore tem que ser pesquizado. E essa pesquiza deve ser feita, cuidadosamente, com toda a veracidade dos fatos.

E foi isso aí mesmo que fizemos, quando do Estudo da **Almofala.** Desde 1964 que eu me preocupava com os Almofalenses, aquele povo pobre, simples e até sofredor, das práias do Acaraú. Já, agora, em Outubro de 76, quando lá estivemos, encontrei-os, ainda mais sofridos, e quase desaparecidos os últimos descendentes da grande raça Tremembé.

Alguns outros, que amam o Folclore, já escreveram sobre Almofala. Cite-se, por exemplo, Florival Seraine, folclorista de renome a quem consultei. Pompeu Sobrinho e outros me serviram de pontos de referência. Mas, meu estudo

sobre os Tremembés da Almofala ou sobre a Almofala dos Tremembés se prendeu mais à pesquiza. E que pesquiza?! Quantas horas não fiquei a ouvir o "Torém" e "A Aranha" (danças Folclóricas), sem entender o significado daquelas palavras?!... Chamava um companheiro que tivesse o ouvido mais aguçado, para saber se a palavra era mesmo **NAVURA** ou **NAGURA**.

Quantas vezes não duvidei dos termos: GUAINXÊ, VAINXÊ, GUIRARÁ, VIRARÁ e muitos outros!

"A Aranha" que tem várias versões também nos "Custou Caro". Tenho, porém, a "Consciência do dever cumprido"... Estou satisfeito com meu penoso trabalho. Resta-me, caro leitor, entregar-lhe o libreto. Aceito qualquer sugestão sua, contanto que seu critério de julgamento seja justo e bem fundado. Estou com todo o manuscrito intato. Além do mais todas as músicas colhidas estão gravadas e sob meu poder.

Só uma coisa lamento: é não ter eu uma condição financeira boa, a fim de fazer um trabalho maior, um livro mais volumoso sobre tudo o que aprendi na Almofala. Apelo para os Poderes Constituídos: Dêem-me condições de finanças, pois, assim, eu relataria noutros **trabalhos** tudo o que pesquizei a respeito dos Tremembés. As histórias e estórias que já ouvimos, sobre a Igreja, quem a reformou, depois que as dunas a deixaram; os paseios dos Tremembés pelos "Alagados"; quem eram eles (Tremembés) antes e que são hoje; as injustiças praticadas contra os mesmos; A invasão do "Aldeiamento" pelos civilizados, etc.

Sabemos onde se encontram todos os Santos da Capela, casa por casa. Alguns até displiscentemente, guardados. Aliás todos bem trabalhados em madeira. Enfim, temos, inclusive as gravações, em fita magnética, de todas as danças folclóricas daquele povo.

Basta de "choromingos", caros leitores. Fizemos o que foi possível, para lhes agradar. Os Etnólogos, os Etnógrafos, os Folcloristas e os que amam as Coisas belas e raras é que se devem interessar por tudo isso que expliquei.

Um abraço para vocês.

Itapipoca, Ce., 09 de Novembro de 1976.

José Silva Novo

NOTA PRELIMINAR

Almofala, antigo topônimo português, de origem árabe, é a denominação de humilde povoado, sito nos confins do município de Acaraú.

A começar pelo Padre Antônio Tomás, vários escritores ocuparam-se da sua história e do precioso folclore que ainda conserva, para atração dos estudiosos e turistas, oriundos às vezes de plagas distantes.

Após exaustivas pesquisas e o conhecimento **in loco** da região, José Silva Novo, dedicado aos estudos de nossa cultura popular oferece-nos agora este curioso volume de méritos indiscutíveis no campo da história e do folclore regionais.

Fornece-nos os dados necessários à reconstituição de três danças peculiares àquela zona do litoral cearense: o **Torém**, a **Aranha** e o **Côco** praieiro.

Acerca do **Torém** já se publicaram alguns trabalhos em que as raízes indígenas do folguedo são ressaltados, embora a melodia acuse forte in-

fluência do canto gregoriano transmitido pelos padres da Catequese.

Almofala serviu de aldeamento aos índios Tremembés, que aí viveram até princípios deste século.

Quanto à **Aranha** e ao **Côco** praieiro, o trabalho de Silva Novo esclarece-nos devidamente, fazendo observar a não preponderância do fator indígena em suas orígens.

A propósito, deve acentuar-se o valor da contribuição que ora nos proporciona o autor, mormente no que tange à originalidade e ao cumprimento das prescrições metodológicas no exercício da investigação.

Acompanhada de sugestivas ilustrações, a monografia acha-se ainda fundamentada com os elementos históricos indispensáveis à compreensão, não só da funcionalidade, mas do processo em que esta se foi modificando, ao longo dos séculos.

Meritória e utilíssima tarefa a de José Silva Novo para a divulgação e o conhecimento de nossa cultura de **folk**.

FLORIVAL SERAINE

CAPÍTULO I

ALMOFALA DOS TREMEMBÉS

Almofala está situada na orla marítima do Oceano Atlântico, distando 8 léguas da cidade do Acaraú e 136 quilômetros de Fortaleza. O distrito mais próximo é Itarema, a 15 quilometros de distância e fica o Arraial à margem esquerda do Rio Aracati-Mirim.

O termo **Almofala** é de origem árabe, significando "Campo ou Arraial em que por algum tempo, se reside". Mas a permanência dos Tremembés aí não foi temporária, pois ainda hoje lá se encontram mais de 300 descendentes daquela raça indígena. Há variadas hipóteses, quanto à origem dos Tremembés. Para Pompeu Sobrinho constituiam eles uma família Línguo-Cultural independente e teriam chegado às terras do Ceará antes dos Cariri e Tupi e muito depois dos Tarairiú. Segundo o etnólogo cearense estes silvícolas seriam derivados dos mesolíticos de origem Siberiana. São pois, de um novo tipo étnico, com sensíveis alterações tipológicas. Outros etnólogos já acreditam que aqueles índios são pertencentes à família dos Tapuia ou Cariri. Quanto à etnologia desta raça, paremos por aqui. Deixemos que os mais estudiosos se cuidem e provem, realmente a misteriosa origem **Tremembés.**

À época do descobrimento do Brasil, nossos índios, assombrados com o elemento branco que começava a povoar nossas praias, perderam o controle das Tribos e das Aldeias e se dispersaram, pouco se afastando da Costa. Eram Tupis. Tapuias, Guaranis, Guanacés, além de outros que se mesclavam quase que numa só família indígena e quase com os mesmos costumes e usos: danças idênticas ou parecidas, raiz semântica assemelhada, traços tipológicos aproximados, caça e pesca, e, quanto à música: O mesmo tema melódico, a mesma estrutura musical, o mesmo Canto-chão monótono, quase em Reto-tono e triste.

Foi aí no século XVII, em 1702, que se fundou a Aldeia da Almofala, "onde a missão confiada aos cuidados do Padre José Borges de Novais recolheu ao seu seio os índios dispersos da Região", como afirma Florival Seraine. Pensa-se que os próprios Tabajaras da Serra da Ibiapaba fizeram excursões às praias da Região. Através de nossa pesquiza histórica, soubemos, outrossim, que o missionário ou catequista, em suas missões, era sempre acompanhado por índios Tupi já civilizados que, além de o ajudar nos trabalhos domésticos, também auxiliavam nas funções civilizadoras. O objetivo dos missionários era aproximar os silvícolas uns dos outros, através do uso da Língua Geral que o padre, não raro, também falava.

Então, serão os **Tremembés** uma mistura de raças indígenas, ocnseguida em consequência da dispersão? Cremos nós, segundo nossos estudos de pesquiza, que eles são, como diz Pompeu Sobrinho, de origem Siberiana, sofrendo assim, influência dos Túpis que invadiram o litoral. No Torém, dança primitiva e folclórica daquela gente, nota-se, perfeitamente, essa influência e a assimilação de fonemas e temas musicais, como veremos adiante.

Foi aí nesta Aldeia chamada Almofala e no meio deste povo chamado descendente dos Tremembés que estivemos, pelos idos de 64 e 65. Nossas visitas eram frequentes. Éramos quatro ou cinco companheiros empenhados na mesma jornada, com os mesmos objetivos: Conhecer os índios e a misteriosa Almofala, cuja igreja quase toda de pedra, passara 46 anos sob as dunas alvas e cremes daquela zona praieira. Entre os amigos e diletantes do Belo do que cheira à História, ao Folclore, estão o Prof. Lira, Técnico Agrícola da ANCAR, hoje EMBRATER; o exímio Cantador Cândido, amante da Poesia e do verso improvisado; Ito Barroso que secretariava todos os nossos trabalhos de pesquisa e que levou os índios comigo à Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará.

Agobar Otacílio, outro Cantador dos sertões e praias itapipoquenses, poeta e apaixonado por

temas históricos. O George, um americano voluntário da Paz, que nos acompanhava com todo o seu "Catatau" de máquinas fotográficas, gravadores, etc, a fim de colhermos melhor tudo aquilo que procurávamos. Esses poderão dar testemunho fiel do que ora, escrevo, em prol do folclore cearense.

Primeira viagem, primeiros sofrimentos... A estrada carroçável que nos levava a terra dos Tremembés era bastante arenosa. Aqui e ali, mais na frente, muitas vezes, encontravamos em "bitola" estreita, forrada de bagaços de cana e cascas de coco, que serviam para desafogar nossa camioneta cansada. Algumas vezes, descíamos para empurrar o veículo. Dava a impressão de que íamos para o "fim-do-mundo".

Antes, com interesses étnicos e folclóricos, Dr. Perilo e eu já havíamos tentado essa penetração e nada conseguimos. Mas... desta vez, a coisa foi indo e chegamos à **Almofala**, às 16 horas. Uma ruela, composta de casas de taipa e de palha de coqueiro, nos levou até ao pátio da igrejinha. Hospedâmo-nos na casa de um senhor que, segundo os caboclos de lá, era o "Chefe". Graças a ele, entramos em contacto direto com os descendentes dos Tremembés e já, à noitinha, estávamos com 20 ou 30 índios, ao nosso redor, conversando, cantando musiquinhas populares de hoje e antepassados silvícolas. Neste dia, a índia

pura, sem mistura de sangue civilizado, não viera. Chamava-se "Tia Chica". Ainda, agora, recordo e me lembro de seus cabelos esbagaçados e secos, talvez pela mistura de mar e sol. Pernoitamos; e, como havíamos levado fumo, sabão, cigarro, roupa usada e até cachimbos de barro, conseguimos conquistá-los. "Tia Chica" era a índia mais velha. Tinha 99 anos vividos, ali no seu "habitat", chamado Lagoa Seca, mais de um quilômetro distante da Aldeia. Viera se arrastando até nós e, no segundo dia de nossa estada lá, já conseguia eu a sua amizade meiga e sincera. Costumava me chamar de "meu filho". E eu me sentia prazenteiro com aquele afetuoso tratamento de uma Tremembé pura. Os olhos de índia velha eram empastados pela Catarata. Seus cabelos, já descritos, eram longos e ondulados; a tez amarelada e queimada de sol. Quanta segurança naquele timbre de voz meio roco e contralto! O vestido de chita baralhada azul-e-branca caía-lhe até os calcanhares. Um lenço encardido torneava-lhe o colo. Pisar cadenciado e quase arrastado como o de uma gata que procura a "presa". Era assim a "Tia Chica" que eu conheci e que me chamava, algumas vezes, também de "Pofessor", porque meus companheiros lhe haviam dito minha profissão.

Na tarde do terceiro dia, enquanto meus companheiros jogavam na praia, sentei-me com

ela junto à palhoça de um seu sobrinho e a descendente Tremembés, já minha amiga, já minha confidente, abriu as válvulas de escape dos traumas e recalques que as deixavam insone, muitas vezes, e desatou num choromingar dolente e até contagioso:

"Pofessor" "Meu filho"

"Aqui, em nossa terra, reinava a paz. Mais depois qui esses tal de civilizado pisou nas Almofala a gente num sossegou de forma e jeito. Nós os Tremembés tinha 70 légua de terra quadrada. O documento dessa terra está na Capital qui eu num conheço. Um ladrão daqui das Almofala sabe onde o Cartoro qui ele se encronta. Isto foi dado p'ra nóis pur uma princesa portuguesa qui viu qui nossa familha era muito grande aqui nas praia. Os Tremembés compreendia desde a ponta do Camocim até pra banda da Lagoinha e daqui da Lagoa Seca até depois da Serra da Ibiapaba. Era muita terra, pofessor. E hoje os ladrão civilizado tomou tudo qui nóis tinha. Só num tomaro a Lagoa Seca purque nóis fazemos finca-pé. Somos mais de 300 índios da raça."

Aqui e ali, a velha índia tropeçava o seu linguajar com sotaque de Tupy-Guarany e eu, para aliviá-la daquelas lamentações e impropérios, a interpelava:

— Tia Chica, e a igreja?

"A igreja, meu filho, foi meus avó e meus "tataravô" qui construiro. Ela é toda de pedra como você pode notar. As pedra são do mar. Os índio, em caravana, quando a maré secava, iam buscar e os pedreiro construindo. Eu, hoje, tou cega, mais meus sobrinho e meus neto me contam qui o altar está estragado. Eu ainda vi, quando ela saiu de debaixo dos morro" (Dunas).

Mais a história da Santinha foi ingraçada. Os índios tavam pescando quando encontraro ela na praia. Correro e deixaro ela no Tanque-do-Meio qui hoje se chama Itarema. Quando foro atrais a "bichinha" tinha desaparecido.

— E quem roubou a Santa, Tia Chica?

Algum índio brincaião, porque depois ela apareceu aí no lugar dessa igrejinha. Então eles, os índio fizeram uma casinha de palha de coqueiro e pusero Nossa Senhora dentro. Depois construiro a igreja. Mais briga feia foi quando o vigaro do Acaraú o seu Padre Antonio Tomás inventou de levar a Santa prá lá. Aí foi briga feia mesmo. Os índio se juntaro e o cacete cumeu. Saiu muito Tremembé ferido, pofessor, mais o povo do Acaraú também saiu ferido e houve, até, morte. O vigaro se acalmou um pouco e, só, depois, num sermão foi qui convenceu os índio daqui qui levava a Santa, purque as areia dos morro estava cobrindo já o Altar. Aí os índio se conven-

cero e deixaro levar. Foi uns três dia de briga. Tinha índia qui chorava o dia todo cum saudade da Santinha.

Ouvi muitas histórias, ainda, dos lábios daquela indígena, e, cada vez mais, minha estima por ela aumentava e crescia. Parecia ver, nela a sensibilidade de minha mãe, quando eu, em sendo pequeno, me contava histórias de ninar e me falava dos seus ancestrais, dos seus mais velhos. A noite chegou e fomos para o "Cuiabá" beber **mocororó**, para espantar o frio da noite.

Reunimo-nos após a janta para a dança do Torém. Tia Chica comandava toda a cerimônia folclórica, primitiva. A respeito dessa manifestação coletiva da cultura popular primitiva daqueles índios falaremos depois.

Falaremos, agora, sobre as tradições, e as lendas daquela gente simples que me rodeava a mim e aos meus companheiros. Cada dia que passava pareciam eles querer mais bem aos pesquisadores. Não sei se pelos presentes de roupa, sabão, cigarro e fumo que lhes levávamos, ou se pelo simples prazer em nos transmitir algo dos seus antepassados.

Aí está a Almofala que conhecemos: tosca, primitiva, erma e encabulada, perdida nas longínguas praias do Acaraú. Os coqueirais são a ornamentação natural daquela aldeia. E as dunas alvinicentes da praia formam o tapete imaculado

da cidadezinha onde moraram e moram os Tremembés. Suas choupanas, em sua maioria, construídas com palhas de coqueiro (Cocos Nucífera) são a relíquia e a relembrança daquele povo que, no século XVII, sob o comando do Catequista Padre Novais, se aglomerou e ali se fez presente aos primeiros gritos da catequese.

Distinguem-se, perfeitamente, os traços tipológicos entre índios e caboclos civilizados. Estes são cafusos; aqueles aborígenes.

Mas os usos e costumes entre ambos se mesclam, se misturam, formando assim, o grupo Almofalense.

CAPÍTULO II

EXALTAÇÃO À ALMOFALA

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

1

Ó Almofala, dos meus ancestrais
Erma, perdida no arreial das praias,
Como é solene o canto das sereias,
Como é gostoso o canto das jandaias!

2

Beijam-te as ondas, tão solenemente,
Que o próprio mar te olha com ciúmes,
O sol de manhãzinha, espanta as trevas,
E, à tarde, a juriti solta queixumes...

3

Ó Almofala misto de Tupi,
Tabajara, Tapuia e Tremembé,
Foram-se os teus primeiros habitantes,
Mas teu folclore continua de pé!

4

O "Torém", tua dança do passado,
É uma beleza de Coreografia:
Tem os requebros do índio assustado
Tem recuos, com passos de magia!

5

A tua igrejinha, em pedra tosca,
É uma relíquia tão bem encravada
Que as dunas caminhantes a cobriram,
Mas, depois, a deixaram aí chantada!

6

Mas muito bem chantada, à beira-praia,
Olhando o mar azul-esverdeado,
Com saudades dos ventos que se foram,
Com, cheirinho cheiroso de Passado...

7

Lagoa Seca, "habitat" indígena,
Dos velhos Tremembés que já morreram,
Tenho pena de ti, Lagoa-Seca,
Porque os civilizados te esqueceram...

8

Dorme, Almofala, acomodada aos mangues,
Deitada em dunas, sob coqueirais,
O barulho das ondas são teu Hino,
O acalentar, pra que não chores mais...

9

O lamento das coisas, tão tristonho,
Que é o Reto — tono das desilusões,
Deixou-te, pelo menos, o folclore:
A dança, a lenda e as superstições!...

CAPÍTULO III

LAGOA — SECA COM SEUS USOS, COSTUMES, TRADIÇÕES E SUPERSTIÇÕES

Agora, numa de nossas visitas, havíamos combinado conhecer Lagoa Seca, o habitat verdadeiro dos descendentes da raça **Taramembé, Teremembé** ou **Tremembé.** Deixamos o carro na Almofala e, à pés, para lá seguimos. Vez por outra, éramos forçados a diminuir a marcha, pois os ramos e galhos de marmeleiro e outras árvores da flora regional nos açoitavam, fortemente, o rosto. Pareciam nos querer impedir de visitar os dançadores do Torém, última e única relíquia folclórica dos primitivos habitantes da Almofala.

Após mais de um quilômetro de caminhada, lá chegamos. Como alguns já nos conheciam, foram avisar a velha "Tia chica". Sentâmo-nos ali, entre as casas. Era grande a área, sombreada por velhas árvores e enfeitada pelos coqueiros (Cocos Nucifera). As casas todas de palha. Eram choupanas de estilo regional: caibros e varas extraídos da flora Almofalense. As linhas do teto eram de coqueiro cipilhado. Era um amontoado de casebres sem estilo arquitetônico, toscos, mal arrumados e sem nenhuma condição de asseio... Três compartimentos, apenas, formam o espaço necessário para abrigar cada uma daquelas famílias. Um pilão de madeira, redes

t.034840/2002

de algodãozinho, com punhos mal-acabados e sujos, uma caneca de alumínio bem "Areiado" com areia do morro, umas 3 ou 4 quengas feitas do endocarpo do coco, potes de barro, um alguidar grande para o pirão escaldado, duas colheres de alumínio metidas nas palhas da cozinha, uma trempe, não sei se de algumas rochas metamórficas, eruptivas ou sedimentares, foi mais ou menos esse, o equipamento doméstico que encontramos e observamos em quase todas aquelas choupanas. E o pior de tudo, para tristeza nossa, nenhum lume aceso entre aquelas trempes de Pedra. Disse-me alguém deles: "Nós aqui só come, quando se mata um preá, quando se mata um tejo ou algum passarinho... Nem sempre a maré é boa, meu sinhô! os peixes estão escabrosos...

Para caçar, os Tremembés da Almofala usam ainda a flecha que, também, serve para pescar bagres nos "alagados" da região, segundo Florival Seraine.

Observamos algumas redes de pescar, estendidas no pátio arenoso das casas. E, na praia, de propriedade daquela gente simples, encontramos paquetes, algumas canoas e poucas jangadas; o manzuá e outros apetrechos de pesca, são notados ali.

Disseram-nos os habitantes da Lagoa-Seca, que os peixes mais apreciados ali, são: O Cangulo,

a Biquara, o Serra, a Cavala, o Barbudo e, sobretudo o Camurupim, cuja pesca começa nos meses de Setembro e Outubro.

O Galo e a Pelombeta, também, fazem parte do petisco praieiro. Uma das vezes, em que fomos à praia, tivemos a oportunidade de ver aqueles índios, com uma rede de arrasto, puxarem dezenas de quilos de Barbudo.

Já, à tarde daquele dia, depois de comermos sardinhas enlatadas, bolachas e pães que distribuímos, também, com eles (Os Tremembés), ficamos a espreitar-lhes as lendas, a respeito dos fantasmas e aparições. São muitas as lendas ou mitos de origem indígena que enfeitam nossas praias. Na Almofala, segundo seus moradores, aparece o tal Guajara ou Guari. A seu respeito, escreve Florival Seraine: "O Guajara, de Almofala, apresenta certas semelhanças com o Saci e com a Caipora, duende das matas, o primeiro ocorrendo no Sul, e a outra, Cearense, nordestina, apreciando-se, sobretudo, o espírito travesso, buliçoso, às vezes malévolo, que lhes orienta as atividades e os processos de assombramento, especialmente no que tange ás descrições costumeiras do Saci e do Guajara."

Pois bem, segundo Tia chica, minha querida Tremembé, já desaparecida e de saudosa memória para mim, o Guajará das Almofala mora nos mangues. Contou-me ela, e isto com muita

entonação de voz, que, certa vez se achava pilando milho para fazer "fubá", quando de repente, sentiu a mão-de-pilão, pesar-lhe, entre as mãos. Chamou imediatamente a neta, uma beleza de "coromim" adolescente, que se achava na sala da frente. E esta, em chegando, viu a sombra de um pássaro preto, talvez o Guajará materializado, em forma de animal. Os circunstantes assentiram, com grande expressão fisionômica, a veracidade daquilo que a velha acabara de contar. Outro dia, estava ela (Tia chica) no mangue, a arrancar caranguejo, quando uma força estranha lhe segura a mão, dentro do buraco. Empregou toda a força que tinha e, somente, depois de rezar à Nossa Senhora dos Navegantes, conseguiu livrar-se daquele espírito malfazejo. Era, segundo ela, o Guajará ou Guari, com sua força invisível.

Enquanto noutras regiões praieiras do litoral brasileiro e alhures, se fala de Mãe d'água, do Tajá, do Jurutaí, do Lobisomem, da Burra-sem-cabeça, etc... na Almofala a assombração mesmo é o Guajará que costumam também, chamar de Pajé do Rio.

A respeito dessas aparições ou mitos, com variados tipos de fantasmas, é uma variedade absurda de duendes que material ou, fantasmagoricamente, pululam nossas praias, não nos é cabível a apreciação. Seria necessário um Tratado sobre a Mitologia Brasileira. Sabe-se que o praiano é supersticioso e assombrado com essas aparições. Não só o Almofalense, mas todo cearense, todo brasileiro que habita o litoral. Nota-se, portanto, muita semelhança e muitos tipos de convergência nessas lendas e mitos, sobretudo no tocante a navios iluminados, em pleno mar, nas noites escuras de inverno...

Homens invisíveis que pescam às caladas da noite, ouvindo-se, apenas, o choque onomatopaico das redes e das tarrafas na água.

Certa vez, dissera-nos Tia Chica, um navio enorme, que media mais de 200 metros, foi avistado por mim e por minha netinha. Fechamos os olhos de susto e, quando os abrimos, o monstro já se encontrava longe, bem longe, todo iluminado, e na "Risca" do mar. Depois desapareceu, de repente. E o mar começou a "Rolar", desesperadamente, como querendo devorar nossa Almofala.

Aí está o testemunho dos mais velhos descendentes dos Tremembés, de Lagoa - Seca, com seus costumes, seus usos, suas lendas e tradições.

Quanto ao tipo de vida social, caráter, personalidade ou vida em família, * não parecem muito afastados dos demais caboclos da região. Alimentam-se dos mesmos equipamentos pesqueiros e domésticos. Tem, mais ou menos, o mesmo

temperamento. Brincam as mesmas danças; frequentam a mesma igreja de pedra.

Notamos, porém, que o ângulo facial de alguns é mais acentuado, provando assim a sua origem indígena. Alguns traços bio-tipológicos divergem dos caboclos civilizados. E, entre, os habitantes de Lagoa-Seca, há um orgulho reinante e até contagioso de pertencerem eles a raça dos Tremembés, primeiros povoadores da lendária e secular **Almofala.**

Aos poucos, iam os mesmos se afeiçoando a nós pesquisadores que, por fim, já estávamos íntimos e até aprendemos dançar o Torém e, na hora do

"Nagura
Nagura,
Guainxê
Vâmo pro Cuiabá,"

o mocororó nos deixava mais leves e animados, devido sua alta fermentação.

Depois de várias jornadas, para alegria nossa conseguimos o que há muito tentavamos: Eles se dispuseram a fazer apresentações do Torém, fora de sua Terra Natal.

---

* Dessa gente em apreço.

CAPÍTULO IV

OS ÍNDIOS NA CONCHA ACÚSTICA

Quem diria que os descendentes dos Tremembés, um dia, resolveriam apresentar-se fora da Almofala? E isto aconteceu, e é digno de nota. Por isso, resolvemos escrever algo que ficasse arquivado sobre aquela apresentação na Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará.

O parco dinheiro das nossas economias já se havia esgotado, em consequências das repetidas e frequentes visitas àquela zona das praias acaraúenses. Resolvemos falar com alguns folcloristas da Capital Cearense que nenhum interesse demonstraram pelo Torém da **Almofala.** Partimos, então para a luta e luta "cerrada".

Como, morávamos, em Itapipoca, decidimos os companheiros ir até ao Prefeito da cidade Dr. Antônio Martins. Este delicado e bondoso, garantiu-nos o êxito dos nossos objetivos, sobretudo, quando lhe confiamos que os índios queriam conhecer a Pedra Lascada (Itapipoca) e Fortaleza. Arranjamos alguns "tostões"; desta vez, fomos ao comércio de nossa cidade e angariamos, sem muito trabalho, tudo aquilo de que nossos dançadores precisavam: Roupa, fumo, macarrão, cochimbos-de-barro, sabão pavão e até conservas de car-

ne, além de café torrado e mais 400 metros de chita.

Parte dessa fazenda foi comprada por nós, com a ajuda do Prefeito. O resto foi doado pelas "Casas Pernambucanas".

Nova jornada às terras acaraúenses. De novo, na Almofala. Novamente, em Lagoa-Seca, no meio dos "restos" de Tremembé...

Lembro-me, perfeitamente, como se fosse, agora: Quando descemos da camioneta, e eles já nos esperavam, pois havíamos marcado a viagem. A alegria daquela gente foi, deveras, contagiante, pois nos receberam com gritos e palmas. Agora, já não era mais o simples interesse pelos presentes e prendas que lhes dávamos; era a amizade verdadeira e sincera que lhes havia conquistado, pelas muitas vezes que, lá, estivéramos, nas noites de luar. Eram os ensaios, mais acurados, da dança "Torém" que nos aproximavam, fraternalmente deles. Misturâmo-nos com aquela gente pobre e simples, e isso foi o suficiente para a nossa total liderança.

Desta feita, e neste dia, distribuímos, mais uma vez, tudo o que levávamos de prendas. A fazenda "chita", de variados padrões e matizes, ficara guardada na cidadezinha de **Almofala**, em casa de um comerciante, nosso amigo, que nos hospedava, hospitaleiramente.

"Tia Chica", a chefe da tribo, a índia velha de 99 anos, cega pela Catarata e alquebrada pelo tempo que lhe açoitara, rijamente, a "Carcassa", chamou-me para dentro da choupana e assim me falou:

"Meu filho,

Nóis lhe prometemo sair da nossa terra pra ir dançar fora daqui; mais meus sobrinho e meus neto dero o "contra". Além disso, Pofessor a minha velha "carcassa" já nem aguenta mais dançar o "Torém" a noite toda. E a viage? Quais 200 quilômetro! Não, meu filho, desista. Fale sempre com eles e deixe a **veinha** sossegar!

Tive realmente, pena dela! Sentí como se fora minha mãe, cansada a pedir-me algo. Mas o meu interesse, na exibição daquela dança indígenana, era fora do comum. Queria eu que a Fortaleza inteira, que os folcloristas do Ceará e de muitos Estados do Brasil, sentissem e vissem de perto, e com os olhos bem arregalados, aquela beleza de folclore já quase deturpado. E, então, insisti, persuadi, motivei e, reunindo todos os dançadores, convenci-os de irem a Itapipoca e à Fortaleza. Mostrei-lhes os muitos metros de fazenda que trouxeramos. Distribuímos, de imediato, mais de 100 metros para as crianças e para as mocinhas, filhos daqueles mais velhos.

À noitinha, ao lado da igrejinha de pedra, recomeçamos os ensaios e, agora, Tia Chica estava mais compenetrada. Por diversas vezes, eu lhe ví escorrerem as lágrimas daqueles olhos fundos e sem luz, emurchecidos pelo tempo. Parecia sentir profundas saudades dos seus ancestrais. Sua voz era sonora e trêmula, vibrátil como a corda de um bandolim, contralto e rouca, como as primeiras cordas de um violoncelo...

"Tia Chica", minha querida velha desaparecida. Como tenho saudades de ti!...

De vez em quando, eu a retirava do centro da roda do Torém, para que ela não se cansasse tanto, e outro mestre-de-cerimônia, cujo nome não recordo, tomava seu lugar, gritando forte e alto os versos do:

Ô Jari mivê
Ô Jari mivê

Aí recomençava o canto exótico e lamentoso da dança. Os passos agora, eram mais alegres e ágeis, pois se tratava de um "chefe" mais novo. À hora do "Vâmo prô Cuiabá", após o "mestre" ingerir grande quantidade de Mocororó. Os demais participantes rodeavam o contra-mestre e a mesma bebida fermentada era distribuída, organizadamente a cada um dos dançadores.

Nesta última jornada nossa, demoramos, 5 dias na Almofala. Era outubro de 1965 e a festa

folclórica na Concha Acústica, estava marcada, uma promoção da Universidade Federal do Ceará e da Secretaria de Cultura do Estado. Nós, na cidade dos Tremembés, não dávamos trégua aos ensaios, às pesquizas e aos banho-de-mar com nossos amigos de Lagoa-Seca. Jogávamos até bola juntos.

Nestes últimos preparativos para a festa da Concha Acústica eu não colocava mais Tia Chica, como mestre-de-cerimônia. Uma sobrinha da mesma a substituía. Aquele Canto Puro, aquela voz Tremembé eu economizava. Queria exibí-los somente no meio dos etnólogos e dos folcloristas do Nordeste brasileiro, que se encontrariam na Concha no dia marcado.

Chegou a anti-véspera da festa.

Era o último ensaio. Passamos o dia inteiro preparando os trajes com que os índios deveriam se apresentar. Foi uma Celeuma, quando dissemos que os mesmos se apresentariam de tanga de chita, recoberta de "Tucum"; e o corpo dos dançadores seriam pintados ou "calabreados" de **Urucum e baton.**

Desta vez, o líder pesquisador quase "vai à lona". Não desistimos. Uma velha de mais ou menos 60 e poucos anos, assim me dissera: "Pofessor, eu num vou amostrar as minhas "pelunca" de peito pra ninguém, sobretudo da Capital, não sinhô".

Uma outra gritava de lá:

"Rocê já pensou, nóis tudo com as barriga de fora?! Se os nossos avô fosse vivo, que qui num iam dizê?!...

Um velho sobrinho de "Tia Chica", aproximou-se de mim e pausadamente, com voz solene, comentou:

"Seu Silva, quanto a nóis home num há dúvida, mais esta mulher mais velha num vão como o sinhô quer!"

Continuei firme na minha decisão.

Enquanto isso, as costureiras fabricavam as pequenas "peças" que os Tremembés deveriam usar, quando de sua apresentação. Foi uma luta difícil. Mas a vitória verdadeira só é gostosa e grande, quando a batalha é acirrada e dura. E eu queria aquela vitória. Queria apresentá-los na forma de índios, vestidos de **tucuns.** E, se houvesse penas suficientes, por aquelas plagas, eu os teria apresentado com penas. Fiz-me de triste e vencido. A minha falsa tristeza contagiou a todos. Tiveram dó de mim e de meus colegas. Silenciaram, por algum tempo. Após uma meia hora, sentados de frente à igreja naquela areia limpa e esbranquiçada dos morros um grupo deles se acercou de nós e disse:

"Nós iremos, de qualquer jeito! Os senhores foram muito bons para nóis".

Foi o bastante para me colocar de pé e mandar distribuir tangas e tucuns, adrede preparados. Era o último ensaio lá na célebre Almofala. Tínhamos a impressão de estar vendo os próprios Tremembés primitivos, dançando o Torém. Os Almofalenses, ao verem seus conterrâneos quase nus, dispararam em delírios de gargalhadas. Os dançadores eram descendentes mais velhos, excetuando-se duas moças robustas, de quadrís bem torneados e seios ponteagudos, como flexas. O resto era um amontoado de velhos e velhotas, com suas "pelancas" caídas sobre o corpo senil, em forma de ondas mansas e vagarosas, que, ao ritimo do "Aguaim" tremiam mais do que o próprio **maracá** ou **ganzá.**

Foi uma beleza o último ensaio.

Pela manhã do dia seguinte, já rumávamos para Itapipoca, num caminhão que o Prefeito nos cedera. Os Itapipoquenses se acotovelavam para conhecer os índios.

À noite, 20 horas, apresentamos o "Torém" e o "Aranhá" na quadra do Clube Social Imperatriz. Perfeita demonstração folclórica. Quero frisar que "Tia Chica", em sendo cega, era orientada por mim, que lhe pegava a mão, colocava-a no centro da roda de dançadores e lhe segredava o início da cerimônia. Isto era feito com uma precisão indescritível. Pernoitamos na cidade da Pedra Lascada e, no dia seguinte, pela manhã já procurávamos a BR-222, rumo à Capital. A ale-

gria daquela gente me alegrava. Eu estava radiante. A grande vitória estava bem alí na Concha Acústica.

Hospedei-os a todos na Escola Preparatória, hoje Colégio Militar. Ficaram bem acomodados. Pelas 18 horas nosso caminhão parava em frente à Concha. Eles estavam muito silenciosos como a espreitar o ambiente. Mostrei-lhes o palco das apresentações. Fi-los ver que muitas cidades do "interland" cearense estavam alí e nós com um folclore primitivo e raro, deveríamos tirar o primeiro lugar. Houve murmúrios que não entendi. Talvez combinando mais atenção no texto-melodia e mais destreza naqueles corpos cansados. A Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará era uma lindeza de Grupos Folclóricos. Trajes os mais variados possíveis. Ouvia-se, apenas, um "Zum-Zum" de últimas combinatas dos organizadores da grande festa e aqui e ali um "psiu-psiu" de demonstração ao silêncio. Entre outras manifestações folclóricas que pude observar estavam: "A Banda Cabaçal" do Crato, a Dança de São Gonçalo, de São Gonçalo do Amarante, O Coco de Alagoas, 0 "Boi-doReis" ou "Bumba-meu-Boi", uma dupla de violeiros, etc...

Mas eu estava seguro da nossa boa colocação daquela festa, naquela noite.

E, após a primeira apresentação que foi da

"Banda Cabaçal", estávamos nós ali na boca do Palco. Quando o apresentador falou em Torém da Almofala, ouvi murmúrios da platéia e, nesse instante, câmeras, gravadores, máquinas fotográficas e o povo em geral entrou em ação no maior silêncio possível. Ouvia-se apenas, o "tlic" das máquinas de filmar e fotografar e o "tlac" das teclas dos Gravadores.

Silenciosamente, também, peguei minha querida índia velha pela mão que, acompanhada pelos demais dançadores, formou a roda para a tão esperada dança do "Torém". Eram ao todo, 66 dançadores, mas, apenas, 23 participantes. Os outros ficavam na reta-guarda. Eu não deveria confiar demais naqueles entes cansados e subalimentados da Lagoa-Seca.

O vencedor só descansa, após matar ou dominar o último adversário. E meu último adversário, ali, naquela ocasião, era o medo do fracasso. Mas Deus nos ajudou. Tia Chica estava feita uma "Carrapeta Doida". Tangia com tanta perícia o "Aguaim" que vislumbrava os folcloristas presentes. Parecia inspirada. Seu canto puro e contralto parecia aquele Canto-chão meio-retotono da "Música-Sacra"; seus movimentos de corpo pareciam **Caninana** raivosa, quando instigada por alguém. Requebrava-se, remexia-se toda; balançava os quadris, como estas "cocotinhas" de hoje, quando dançam o "yê-yê-yê".

Ora, apressava o passo como a "nhambu" em sua disparada. Outras vezes, parecia guaxinim traiçoeiro e malicioso, quando cantava:

"Cegaxurê,
Gaxurê diú."

A parte mais solene da apresentação da Almofala, foi quando a velha cantou e o coro respondeu:

"Canu Gadiá
Andé Cunhã"

Era um movimento solene e delicado, num rítimo "Andante", como a imitar a "Cunhã" no seu Tear.

Após o canto do "Begaropê", a dança foi caindo de "movimento". As vozes do Coro foram tornando-se um "Rallentando" até chegar ao seu final.

Vencí! Vencemos! Os clamorosos aplausos do público e a alegria dos folcloristas presentes eram a prova da nossa Vitória! Distribuimos mais de 500 cópias do texto "Torém" aos participantes da festa. E o fizemos com tradução, não sei se imperfeita. Sei, apenas, que passei 3 dias com "Tia Chica" na intenção de dar um melhor sentido a cada estrofe. Se não me falha a memória, eram, ao todo, 13 estrofes, com tradução, sendo a mais bonita e mais delicada a que falava de uma cabaça

cheia de formigas, cujo Chiar, os índios procuravam imitar, onomatopaicamente.

Acabada a festa, voltamos à Almofala. Deixâmo-los em seus casebres ou choupanas de Lagoa Seca. Dêmos-lhe algum dinheiro e mais uns presentinhos e, alguns anos mais tarde, soube do falecimento de Tia Chica, motivo de grande constrangimento para nós. Afinal era a mais velha da Tribo; era quem mais sabia e guardava aquelas tradições de sua raça, embora com algumas deturpações. Nem sempre um cérebro cansado e uma mente desgastada pelo tempo podem guardar, fielmente, tudo o que retinham do passado.

Aquela velha que eu, muitas vezes, chamava de Vovó, morreu à míngua. Disso tenho certeza. Já não podia comer os mesmos alimentos dos mais novos. Jejuava, muitas e muitas vezes, com um peixinho "N'água e no Sal". E foi-se definhando.

Faço, aqui, um apelo ao Instituto Histórico do Ceará, à Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, à EMCETUR e aos demais órgãos que se devem interessar pelo folclore, no sentido de conservar aquele patrimônio, aquela relíquia esquecida e já meio-deturpada que encontramos nas praias do Acaraú, na Almofala dos Tremembés! Do contrário ela se desgastará com o tempo e desaparecerão os últimos resquícios dos textos-melódicos daquela primitiva dança indígena.

CAPÍTULO V

OS TREMEMBÉS E SUAS DANÇAS

Naquelas nossas andanças por Almofala, além do "Torém", que se diz originária dos Tremembés, estudamos e pesquisamos outros tipos de danças. Além daquela que é folclórica e primitiva, encontramos "A Aranha", "A Cobra", o "São Gonçalo", o "Coco da Praia" e os descendentes daqueles silvícolas já se misturam aos caboclos da Região para dançar "O Samba" herança diversional dos africanos. Notamos que os Tremembés, ali existentes, não têm o "saracoteado" do nosso caboclo no batuque desta dança. O brasileiro, filho de branco com negro, já traz no sangue o remexido e o bamboleado da dança africana.

Eis porque os descendentes dos Tremembés pouco dançaram numa festa que assistimos. Mas quando se fala em "Torém", em "Aranha" ou "Cobra", a cousa toma outro rumo. Aí os caboclos da Almofala recuam, e cedem lugar àqueles Aborígenes, filhos da própria terra. As manifestações tomam um cunho, puramente folclórico, primitivo. Os próprios Almofalenses civilizados, não descendentes indígenas, ficam boquiabertos.

A **Aranha** que é uma dança diversional e ımitativa tem, mais ou menos as características

do "Torém", pelo menos quanto à **forma**, **função** e significado. Os trejeitos de corpo imitam a aranha tecendo sua teia. É um ritmo mais lento. Sua música tem uma estrutura e um fio melódico, apoiados, mais principalmente, na **tônica** e na **sub-tônica.** Os vôos melódicos são poucos e curtos, embora mais floreada de nota do que a dança primitiva dos primeiros habitantes daquela Aldeia. É, também, uma dança de Terreiro, exigindo, necessariamente, maior espaço, para a movimentação dos dançadores. Eles parecem mais animados, quando executam "A Aranha", embora dançem mais o Torém, isto porque são muito solicitados pelo ádvenas e visitantes que lá chegam.

Resta-nos saber se aquela dança é mistiça ou pura. Se é originária dos Tremembés ou de seus descendentes. Se foi criada lá por imitação ou deturpação de temas. Se foi ou não trazida de outras plagas.

Há porém, um verdadeiro mistério com este tipo de dança. Pesquisamos, informamo-nos, observamos e não conseguimos chegar uma conclusão positiva dos fatos. Tanto os índios como os próprios caboclos da Região diziam que aprenderam com os seus mais velhos. Data, pois, de uma época muito remota, incorporando-se à tradição popular. E, como folclore é a manifestação coletiva da cultura popular primitiva, esta é uma dança folclórica, "sui generis".

Depois de muita observação e penetração a respeito desse tipo de coreografia, resolvemos adotar uma hipótese que, se acaso errada errônea, me perdoem os etnólogos e folcloristas, até provarem o contrário.

Se o Torém tem por função e significado e até por forma imitar os animais da Fauna regional: a jaçanã sobre a folha de água-pé, a Aranha, a tear e a tecer sua teia. O emaranhado de passos e passes bem nos demonstram isso.

Talvez os Tremembés ou seus descendentes quiseram variar suas noites de diversão, criando um novo estilo de dança. Se, hoje, as crianças e as mocinhas inventam rítmos e requebros de corpo, à vontade dentro do compasso musical, — por que, então, os nossos primitivos não poderiam criar, também, suas coreografias ou compor novos textos-melódicos, para se afastarem da monotonia do "Torém"?

É, pois, nossa opinião que se não os primitivos habitantes da Almofala, pelo menos os seus descendentes mais antigos criariam a dança em apreço. Daremos posteriormente, os textos do Torém e da Aranha. Resta-nos, agora, saber ou comentar se aquela dança primitiva (Torém) é de orígem, puramente, Tremembé, Tupí, Tapuia,

Guarani, Tabajara ou um amálgama de "termos" e "fonemas" característicos a todas estas tribos.

Florival Seraine num seu trabalho "sobre o Torém", assim se expressa:

"São deficientes os elementos étnico-culturais de que dispomos sobre os primitivos habitantes da região onde colhemos da dança chamada Torém, a qual supomos originária dos silvícolas". A tradição e estudos científicos, especialmente, de Pompeu Sobrinho, situam Almofala e vizinhanças na área de dispersão da família indígena Taramembé, Teremembé ou Tremembé, da qual ainda restariam, em estado que se pode julgar de marginalidade, alguns descendentes, localizados nesse trecho do município do Acaraú, situado próximo à embocadura do rio Aracati-Açu.

Mencionemos, porém, alguns informes históricos sobre esses indígenas que são ainda considerados "talvez os mais misteriosos e desconhecidos dos primitivos habitantes do Ceará". (Revista do Instituto do Ceará — edição 1955 — páginas 78 a 79).

"Ao tempo do descobrimento do Brasil — escreve Pompeu Sobrinho — a área de dispersão da família acompanhava a costa, pouco ou nada afastando-se das praias, entre a foz do rio Açu, no Rio Grande do Norte ou talvez o Cabo de São Roque e o estuário do rio Turi-açu (talvez do Gurupi) no Maranhão; portanto, compreendia

toda a costa do Ceará. Pouco depois esta área foi reduzida com a invasão de tribos Tupi, deslocadas da região pernambucana e paraibana; os colonizadores cearenses ainda os encontraram entre os estuários do Rio Curú e os Lençóis, no Leste do Maranhão". (Pré-história Cearense — p. 121 — ed. Instituto do Ceará — 1955 — V. ainda "Os Tremembés" — Rev. do Instituto do Ceará, 1951 págs. 257-267).

Vê-se por fontes fidedígnas de pesquisa, que os Tremembés constituiam uma família independente. Sobre a veracidade desses fatos, citemos, novamente, Florival Seraine:

"A verdade é que, através de reduzido elementos culturais que possuímos, inclusive do texto poético-musical e da coreografia do **Torém**, podemos surpreender indícios de processos iniciais de aculturação, em que, ao lado do português civilizador, entrou o Tupi, cujos contactos culturais com o Tremembé não teriam sido, apenas, indiretos pelo que sabemos, graças aos dados históricos sobre a migração ou invasões indígenas, nessa zona do litoral cearense e sobre excursões dos índios Tupis da Serra da Ibiapaba às praias da região. Devemos notar, ainda, que indivíduos ou algum invidíduo de procedência Tupi podem haver sido reunidos aos de orígem Tremembé, quando o missionário congregou os silvícolas dispersos da região no aldeamento de

Almofala, fato esse que não é de estranhar, pois, em aldeamentos outros, com os da Ibiapaba, viviam próximos índios Tabajara e de Família Tapuia.

No que concerne ao objeto do nosso estudo a dança focalizada — o catequista deve, como nas situações congêneres, ter procurado na sua função evangelizadora, utilizar-se desse elemento cultural do indígena, na tentativa de aproximá-lo da Civilização e, assim, acabava por orientar-lhe o processo aculturativo, sem violentar ou desviar-se de padrões e instituições vogorantes no próprio grupo local, permitindo-lhe no caso, a conservação da música e da dança, provavelmente, traços culturais já integrantes do "ETHOS TRIBAL". (Rev. Inst. do Ceará, — 1955 — págs. 79 a 80 — Florival Seraine).

O que se pode afirmar, categoricamente, quanto à origem do Torém e que ela é uma dança indígena. No século XVII, quando o Pe. Novais congregou os índios dispersos da região no aldeamento da Almofala — houve uma miscigenação de raças e, dessa miscigenação surgiram outros complexos de Língua, Música, Costumes, uso, tradições e, até sotaque.

Há na dança termos, puramente, Tupis. Alguns outros, supostamente, deturpados, como: **"Guaxuré, Guainxê, etc...**

"Vamo prô Cuiabá"

São termos ou vocábulos, nitidamente, portugueses, não se sabendo quem e, em que época, foram introduzidos naquela manifestação folclórica. Segundo nossa opinião, o "Torém" é uma dança originária do s índios congregados ou reunidos na Almofala e conservados, sobretudo, pelos Tremembés que aí permaneceram, por longo tempo deixando os descendentes atuais. Quanto aos demais grupos indígenas, retornaram às suas aldeias de orígem. No texto da dança em apreço há expressões e termos ou formas, possivelmente, originários da língua Tremembé, como: Xambirigô, edirí, vidiú, etc...

Deixamos aos mais curiosos que nós, o estudo aprofundado do texto-melódico. Um dia, talvez, cheguemos à elucidação desses fatos etimológicos e etnográficos.

A respeito do que dissemos, comenta ainda Florival: "A nossa presunção de que os poucos vocábulos do texto que não são de origem Tupi ou Portuguesa, sejam Tremembé, funda-se, especialmente, nos dados históricos que já apontamos, sobre a permanência, na região, dos silvícolas citados que, nos primeiros decênios do século passado ainda eram notados ali, a viver da agricultura, e no testemunho de um sacerdote ilustre, o Padre Antônio Tomás que, em sua monografia

sobre Almofala, declara que aí encontrou, no último decênio da mesma Centúria, numerosos descendentes dos Tremembés, constituindo uma sociedade à parte, casando-se entre si e conservando religiosamente, certos usos e tradições e alguns até mesmo a língua dos seus maiores".

Quanto à coreografia do Torém, quanto à sua estrutura básica, segundo a estudiosos, há traços característicos às demais danças indígenas. Os dançadores em forma de círculo, a melodia cadenciada, em "Arsis" e "Thesis", a exibição de um só dançarino no meio da roda, para ser imitado pelos demais participantes, na música triste e, quase monótona, puxada por um e repetida por todos os demais dançadores — tudo isso faz-nos acreditar na sua semelhança com as demais danças de todos os indígenas brasileiros. O mocororó representa a Cauim dos Tupis.

Não sabemos, exatamente, se entre os Tremembés ocorria o **Totemismo**; por isso não afirmamos ser o "Torém" **Totêmica**. Frazer, sobre **Totemismo**, assim se expressa: "A dança Totêmica e pantomina fariam parte dos rituais da puberdade, tendo por objeto iniciar aos jovens no conhecimento das alegorias, das gesticulações, etc; dessa linguagem simbólica ligado, diretamente, ao **Totemismo**. Essas cerimônias da puberdade visam a instruir os jovens acerca dos clãs com

que devem ou não se unir em suas relações sexuais. Entretanto, deve-se distinguir a dança Totêmica típica do período da puberdade da que confere aos jovens um ascendente ou poder sobre os animais. Pantomimas ou danças estas que se parecem muito com as que executam os caçadores selvagens, antes de ir à caça e são uma espécie de magia simpática, algo que predispõe a colher a presa, com essa facilidade com que o fazem, na ficção de suas pantomimas. (El Totemismo — J.G. Frazer — pgs. 61 e seguintes)".

Dança Totêmica típica da puberdade ou não o Torém traduz um estado de alma daqueles silvícolas. Algo eles querem traduzir com aqueles trejeitos e com aquelas maneiras corporais. É como diz Haberlandt: "mais do que um simples rítmo corporal, mais do que uma música ginástica, o selvagem baila porque quer dizer alguma cousa". (Etnografia pgs. 152 e segs.).

. . . . . .

Aí estão, pois, tudo o que conseguimos colher sobre as danças da Almofala e, sobretudo a respeito do "**Torém**". Algumas obras foram consultadas por nós, mas sobretudo pesquizamos, comparamos e observamos a maneira de ser daqueles selvagens das praias Acaraúenses.

Continuamos a afirmar ser a dança primitiva, enquanto "A Aranha" e a "Cobra" são deri-

vadas. Fiquem nossas assertivas, hipóteses e opiniões registradas para posteriores observações e corrigendas entre os mais estudiosos que nós. Nossos argumentos e comentários, pobres de vocábulos e rasos de cultura, servirão apenas de críticas aos mais estudiosos.

CAPÍTULO VI

ODE AOS TREMEMBÉS

Ó Tremembés, meus índios misteriosos
Das plagas da Almofala orgulhosos,
Onde dançavam mágico o Torém
Meus Tremembés da Terra Acaraúense,
De vós se orgulha o povo cearense,
Pois mais que vós pujança ninguém tem !

II

Tremembés, índios de uma raça forte,
Viestes habitar a Zona Norte,
Enfeitando-a de amor a pescaria;
Desafiastes pélagos profundos,
E amansastes ventos oriundos
Do alto-mar tornaste-os Calmaria !

III

A igreja que deixastes está intacta
Naquela aldeiazinha tão pacata,
Onde a saudade, apenas, ali medra...
As montanhas de areia a perseguiram
Mas mesmo assim jamais a destruíram
Pois a fizestes linda, tosca, em pedra !

IV

E ela desafia o Tempo e o Espaço,
Como um colosso construído em aço,
Evocando o passado, os ancestrais...
Vós Tremembés que por ali passastes,
Quantas mil vezes, alí, não rezastes,
Com um linguajar que não se entende mais?!...

V

Hoje a Almofala chora a vossa ausência,
E só dança o "Torém" com a equiescência
De vosso "venia" espiritual.
Os descendentes que alí deixastes
São a prova fiel de que morastes
Naquele misteriooso Arraial !

VI

A Herança-Cultural de vossa raça,
Ainda hoje, na Almofala, traça
Vertígios de folclore verdadeiro,
E nós pesquisadores lá corremos
E sempre moradia por lá temos
Daquele povo bom e hospitaleiro.

VII

Fostes embora, ó raça Tremembé,
Mas vosso nome continua de pé,
Nos anais da história do Ceará !
Porque homens fortes, como vós viris
Talvez não mais habitem meus Brasis
E hão de na história assim ficar !. . .

CAPÍTULO VII

ALMOFALA COMUNITÁRIA E CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS

A Almofala, segundo Pompeu Sobrinho, se divide em 3 Zonas concêntricas:

a) A mais externa — constituida das praias de areias, longas e brancas, baixas, inadequadas à vegetação; Em um ponto da praia, na desembocadura de um Riacho, encontramos um sítio coberto por mangues. As arêias da orla marítima, banhadas pela maré, são nuas e estéreis. Onde, porém, a vaga não alcança, o terreno arenoso, excessivamente, permeável branco, com fulgurantes cintilações de luz, nos dias caniculares, tem uma vegetação própria. É a associação psamófila, uma mistura de árvore, sub-árvores, arbustos e ervas xerófilas, porém sempre virentes — (P. Sobrinho — 1962 — pág. 162).

b) A Zona das dunas — Montes ou montanhas movediças de areia "Silicada, feldspática, com fragmentos de Calcáreo" (P. Sobrinho — 1962 — pág. 143).

c) A terceira Zona, situada atrás das dunas, é a mais larga de todas. Compõe-se de tabuleiros de areia e argila terciária, com pouca fertilidade. (P. Sobrinho — 1962 — pág. 144).

Essa primeira zona de que fala Pompeu Sobrinho, é de relevante importância para a população de Almofala. Aquela mistura de árvore, sub-árvore, arbustos e ervas xerófilas, formando uma vegetação própria, são a fonte de onde extraem os praianos o seu combustível, de gravetos secos, além de dalí tirarem os caibros para construírem suas casas e a madeira com que fazem as cercas dos seus sítios e roçados.

Na segunda — "Zona das dunas: montes, ou montanhas movediças" nã o existe, praticamente, aí vegetação, isso devido aos interessantes ventos que sopram desenfreiados e constantes. Vez por outra, encontra-se aqui e alí algum pé de muricí que ainda não foi de todo encoberto pelos morros. Esses morros ou dunas, sempre mudando de local, pela ação dos ventos, tornam o relevo local, constantemente variável.

As dunas de Almofala, quando invadiram a igreja, obrigaram seus habitantes a recuarem um pouco, rumo ao Sul, e só após mais de 40 anos retornaram ao seu "Habitat" inicial. Foi, segundo Luiz Gonzaga. "A célebre e grande duna que em 1892 soterrou sua afamada igrejinha, construída em 1700, ficando cerca de 40 anos sob a terra e fez seus habitantes transferirem toda a rua original de casas para outro local. Foi uma duna, também, que desviou o leito original do Rio Aracati-Mirim que desaguava, inicialmente, na Pequena Almofala, deslocando sua desembocadura para os Torrões, ensejando assim a abertura de um novo porto que passou a correr seriamente com o porto do Aglomerado Central".

Juanto a terceira Zona — "situada atrás das dunas" e que se compõe de "tabuleiros de areia ou de areia e argila terciária" que, ainda segundo P. Sobrinho tem "pouca fertilidade" — Acreditamos ser a melhor, a mais produtiva. Ali encontram-se riachos, camboas e lagoas, inundações de baixios, formando "alagados", tornando assim, aqueles tabuleiros ricos em argila e em sedimentação de depósitos humanos.

Aí, na zona litorânea, se encontram dois principais tipos de solo: Os terrenos **arenosos** e os terrenos de **tabuleiros.** No primeiro a flora xerófila, no caso o coqueiro (cocos nucífera) extrai, através de suas raízes, e mui profundamente, a água de que necessita. São sempre verdes e produtivos aqueles coqueirais. E sua presença aí é "impositiva". A porosidade e a permeabilidade desses terrenos arenosos permite ao coqueiro da práia fazer a sucção do Lençol precioso, nas camadas mais profundas.

No segundo tipo de solo: o dos Tabuleiros ou argila terciária — onde existem baixas, alagados, Riachos e camboas, como dissemos antes, a vegetação é exuberante e de um verde-clorofi-

Biblioteca Pública G. M. Pimentel
Setor do Ceará

la que, até, descança a vista. Para as bandas do Trairi, esse tipo de vegtação impressionou tanto, a um arcebispo de Fortaleza, que o mesmo chegou a exclamar: "É um Oásis perdido no Deserto do Ceará".

Almofala, também é um Oásis, devido à vegetação verde e atraente de seus tabuleiros. Foi aí nesse "Habitat" que os jesuítas, no século XVII aldearam os Índios Tremembés. É aí nesse tapete verde, de areias e dunas movediças que se situa a comunidade em apreço, em terras concedidas àquela gente indígena, por alvará de algum nobre português.

A área de Almofala propriamente dita, não vai além de 3Km². Luiz Gonzaga, um pesquizador, há pouco falecido, cujo livro inédito se encontra nos arquivos da Universidade Federal do Ceará — assim se expressa sobre essa Comunidade: "Essa área ainda hoje é chamada de vez em quando de "Aldeamento". Temos assim, a "Grande Almofala", correspondente a esse aldeamento, com vários núcleos de casas dispersos dentro dele, e contando cerca de 2.300 habitantes.

Esses núcleos são:

1) A "pequena Almofala", composta de 3 pequenas ruas — as quais, convencionalmente, denominamos ruas do Centro, do Norte e do Sul — distendidas de Leste a Oeste, a meio quilômetro do Mar, mais várias casas dispersas na praia, com 1.400 habitantes.

2) Alguns sítios com nomes próprios como Panã, Barro Vermelho, Lameirão, Torrões, Brejo, todos circundando a pequena Almofala que é a Vila Central. Com a dispersão da população indígena, as terras do aldeamento passaram a ser propriedade da União, não podendo, assim, ser alienadas aos seus habitantes. Todavia, esses detém-lhes a posse e podem transferí-las à vontade, por transações operadas em Cartório. Na prática, por conseguinte, é como se fossem seus proprietários. (Luiz Gonzaga — Almofala — arq. Univ. Fed. Ceará — inédito).

A Comunidade dos Tremembés pertence a Comarca do Acaraú, a quem se prende administrativa e jurisdicionalmente. Religiosamente subordina-se à paróquia de Itarema. Almofala, a nossa misteriosa aldeia é, totalmente, desprovida de quaisquer instrumentos de controle social. A pesca e a agricultura preenchem o tempo das atividades daquele povo. A maior parte de suas casas são feias e empobrecidas pela mão-de-obra descurada.

Naturalmente, sua ornamentação é poética e inimitável: Coqueiros virentes, a baloiçar-se constantemente, sob o açoite das brisas marítimas, praias orleadas de areias brancas "pentea-

das" e um bocadão de montanhas movediças frouxas que caminham, ordinariamente, em busca do sol poente, como a querer conhecer-lhe o leito de repouso. Noventa por cento de sua população é analfabeta. O MOBRAL do Acaraú ainda não o descobriu. Apenas 3 escolas oficiais: Uma estadual, uma municipal e a 3a. mantida pela Colônia de Pescadores (SUDEPE).

Seu povo é simples e hospitaleiro. Por várias vezes que, ali estivemos não desembolsamos um centavo de nossas economias, quanto à hospedagem. À noite, todos aplaulem, o Tor!m e se orgulham de, em suas terras, ainda haver descendentes dos Tremembés, com uma coreografia tão primitiva e um canto-chão tão bem conservado, ainda.

O Comércio é atrasado e pequeno. As mercearias são uma miscelânea de mercadorias variadas. Os farmacêuticos são improvisados pelas "bulas" de remédios e parteiras formadas pela "curiosidade". Daí a elevadíssima taxa de mortalidade infantil. Alguém levantou, no ano de 1967, 125 casos de abortos, 118 casos de "congestão" e 106 por "diarréia". A Pesca é a principal atividade daquela gente, como já foi frisado, anteriormente. Aquela gente humilde e modesta precisa de mais apoio dos governantes ou dos próceres políticos, mesmo à "peso-de-ouro", pelo voto "comprado"... Aqueles misteriosos descendentes dos Tremembés, e os menos favorecidos pela sorte, necessitam de uma maior assistência, em todos os setores da vida humana.

Não têm redes boas para dormir e para pescar, por falta de condições financeiras... têm camas confortáveis... nem a variedade de vitaminas indispensáveis à saúde corporal... A verminose campeia assustadoramente, a região... O "Amarelão" é a máscara facial daquelas crianças de barrigas emprenhadas pelos vermes... O fosfato do peixe é a única "táboa de salvação", que lhes dá força mental, para continuarem pescando, caçando "camaleões" e roçando seus roçados... É uma tristeza a gente passar alguns dias na Almofala e ver e sentir de perto, a situação de penúria, em que se encontra aquela gente!...

CAPÍTULO VIII

RITMOS DA ALMOFALA

"O TORÉM"

Estamos, hoje, vivendo o dia 29 de outubro de 1976, ano em que escrevo o livro. Encontro-me na Almofala. Resolvi, para fazer um estudo mais completo dessa dança, pesquizar melhor e mais acuradamente. Os remanescentes dos Tremembés, estão chegando para a dança do Torém. Mandei apanhar o velho João Gonçalo, o mais antigo descendente daquele misterioso povo. Acha-se o mesmo com 86 anos: Trêmulo, alquebrado pelo parpassar dos anos; pele enrugada e seca pela marizia e pelo sol causticante das praias.

Vou transcrever, em pronúncia figurada, sem ligar muito para os fonemas corretos, sobre os quais, eles mesmos têm dúvidas: Após feita a roda para dançar, colocaram uma cuia grande ao centro, e assim começou o grupo, sob o comando de Geraldo Cosmo, o Mestre da Cerimônia:

Quando eu aqui cheguei,
Nessa Casa de Alegria,
Abriu-se as portas da frente
Rescendeu a Rosária;
Meu coração bem me disse
Que aqui tem moça formosa
Ô vêvê tem manimbóia

Esta foi a primeira "**Louvação**" e logo a seguir:

Água de manima
Ô manin açerêcê
Ô jári mivê (BIS)
Ô jári mivê

Traduziram esta estrofe assim:

O Índio tinha uma filha
E Ela morreu.
Em cima da cova nasceu
Um pé-de-maniva
Da água da maniva
Fizeram o Cauim

Senhores donos da casa
Licença quero pedir
Meia-hora de relógio (REPETE)
Para nós se divertir
Mas ô vêvê tem manimbóia

1
Ô napuran etê
Ô jaçanã guirá
Ô pendê
Ô gurari
Ionapuranã etê
Ô jaçanã guirá
Prê-prê-prê (BIS)
Ô jaçanã guirá

Aí, me foi explicado que os índios observavam a Jaçanã sobre a folha do água-pé, como querendo levantar vôo.

2
Canu Guajara (BIS)
Indé Cunhã
Yé Dari
Yé Dari
Di Canugá

Canu Guajara (BIS)
Indé Cunhã

Segundo eles, a Cunhã tece no seu "tear"

3

Canugá (BIS)
Canugá madurêcê
É aqui madurecá
Di madura Açurêcê
Canugá, canugá
Madurêcê

Aqui explicaram-me eles que os Tremembés ao passarem por pé-de-cajueiro só havia maçãs e, ao voltarem, os cajus estavam amadurecidos.

4

Aratiu pirariquê (BIS)
Arati pirá verama
Aidí Boiquê

Versos sobre o piririguá

5

Ô táxi pirá
Ô táxi pirá
Virará guitiu
Ô táxi pirá
Ô virará guitiu

6

Ô virará guitiu
Di Taínha aguretê
Ô virará, ô virará
Ô virá guitiu
Pompê guirá.

Aí são as taínhas virando, pulando na água.

7

Tá jiriquiti tá
Jiriquití tá
Jiriquití tá
Brandin, brandin pote
Tá jiriquiti tá
Jiriquití tá
Brandin, brandin pote

8

Ei jandei
Recôguirá
Guraripe napurana
Ô mainguê
Y ô manguirá
Y ô manguirá
Ai ô manguirá (Repete 3 vezes)

9

O êrêapu Nêrênembu
Nêrênembu staquaraguê
Yô inapu nêrênembu
Nêrênembu staquaragu (Três vezes)

10

Yô pepê Ce guaxuré
Guaxuréxu
Cê biringó
Ai opêpê Cegaxurê
Gaxuréxú
Cê biringó

11

Cãninãna, Cãninãna
Imbóiguê
Cãninãna, Cãninãna
Imbóiguê
Oiaçô Aruatana
Cãninãna, imbóiguê

12

Cêgarôpê, Cêgarôpê
Cêgarôpê Oxegá
Queremeruna
Nameruna Cerêcê

13

Erêrê cuatiá tianaré
Adinaguê conguê
Nereraçó, nereraçó
Tianaré conguê
Erêrê cuatiá naré

Terminada a coreografia, na qual o chefe imita os animais da fauna local, convidando um dos participantes da roda — chega a hora do:

"Vamo prô Cuiabá"

Mas começam assim:

(Esta estrofe é uma espécie de Refrão)

Navura, navura
Vainxê
Ô navura

Ô navura Vainxê
Vâmo prô cuiambá
Ariguê
É di pinima
É di verama
Di navura vainxê
Navura ô navura
Vainxê.

Note-se que o Torém é dançado em ritmo de Xote e imitam, na dança, cada um dos animais de que falam nas estrofes ou nos versos.

Os animais mais bem imitados nos requebros de corpo são a Caninana (com seus botes) e o Guaxinim com seu caxingado. Eis aí tudo que pude colher sobre esta belíssima dança dos Tremembés.

"A ARANHA"

Além do belo e misterioso Torém, colhemos outra dança em ritmo de Baião e variada melodia. Trata-se da "Aranha".

Procurei me informar, quanto à origem da mesma. E as fontes de pesquiza me disseram não ser a Aranha de orígem ameríndia. Em 1954 um tal Francisco Mossoró trouxera esta dança do Rio Grande do Norte, ensinando-a a todos os Almofalenses. Não é o mesmo grupo do Torém que a dança. É um outro grupo, orientado por Francisco que assim canta:

Minha Aranha,
Minha Aranha,
Hoje aqui vai começar;
Aranha velha
Vai tecer no seu tear
Quero ver Aranha Nova
Tecer sem ter "pongá"

Refrão
Starin, daridô dandô
Starin, daridô dandô
Starin, daridô dandô

Essa "Aranha" que eu canto
Ela veio da banda do Sul;
Eu só canto a minha "Aranha"
Quando é tempo de Caju.

Brinca eu e todo o povo
Brinca eu e brinca tu
Só quem vem para a "Aranha"
É só quem gosta de brincar.

Aqui dentro de Almofala,
É pra todo o pessoá
É brincadeira dos índios
Que eles gostam de brincar !

Eu vou fazer outro verso
Pra quem está escrevendo
E prá quem veio de Fortaleza
Que nós "tamo" obedecendo
Isso mesmo é trabalho
Que eu mesmo estou fazendo

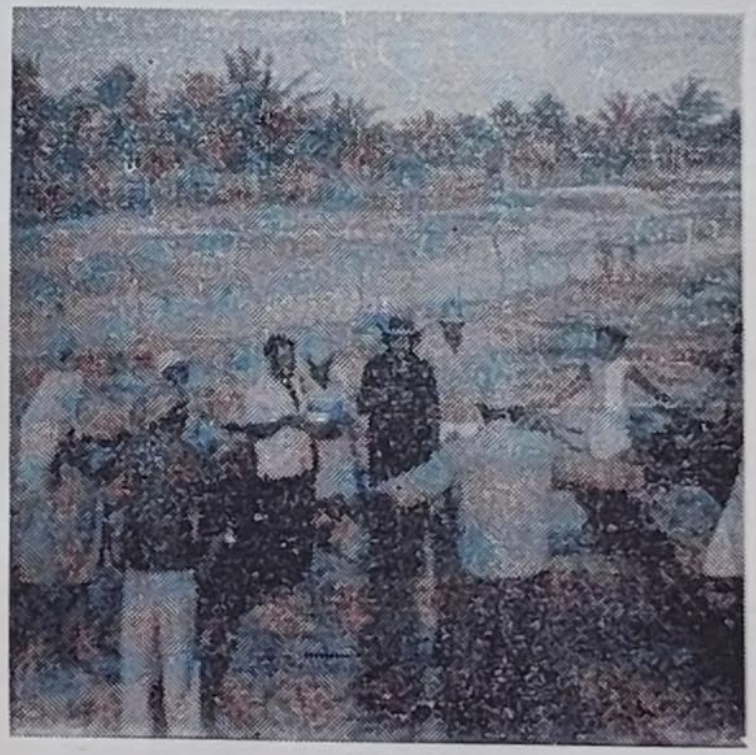
Mandei fazer uma arapuca
De quatro paus de pião,
Para armar lá no urubu,
Pra pegar o Sebastião.

É Francisco Mossoró
Que está com o Ganzá na mão !
É Francisco Mossoró
Que ele é o "Aranheiro".

Veio llá do Rio Grande
Dizer que era verdadeiro.
Quando ele ía à brincadeira,
O povo ía apreciar,

Chamando de "Aranheiro".

Eu vou fazer novo verso
Novo verso vou trabalhar,
Faça mesmo seu pedido,
Se caso de mim precisar,
Até mesmo na Capital,
Pode mandar-me chamar !



"O COCO"

Fiz questão de pesquizar, outrossim, o Coco da Almofala, por achá-lo muito interessante.

A Geralda Benvinda de Oliveira é quem tira Coco e Maria José dos Santos responde. Achei-o diferente de outros **Cocos** e versa sobre a história de uma "Pintinha", narrada pelos índios. Enquanto as duas descendentes dos Tremembés cantam o referido coco, cruzam os pés, ritmadamente, tendo uma delas o Ganzá na mão. E assim começavam:

Quando eu era menino moço
Que metia a mão no bolso,
Só um tostão encontrava.
Encontrei uma menina,
Essa trazia uma pintinha
E falou pra eu comprar.

Refrão:
Ei Çulambá
Esta çula não me deu,
Esta Çula não me dá

II

Eu disse para a menina:
Quanto custa esta pintinha?
Só lhe custa um cruzado.
Fui metendo a mão no bolso,
Fui puxando pela bolsa,
Fui tratando de pagar !

Refrão

III

Botei a pinta no braço,
Saí ali no meu compasso,
Fazendo meus agachado.
E disse pra minha mãe:
"Velhinha", não se assanhe,
Trate aqui desse "pelado"

Refrão

IV

A velha entrou pra dentro
O demônio do resmungado:
"Eu não crio essa danada,
Porque não dá resultado!"

Refrão

V

Essa pinta era "pizunha",
Cada dia que ela punha
Cinco ovos "encarreado";
Com pouco, a pinta deitou-se,
E logo se levantou
Sete pelado tirou...

Refrão

VI

Disse ri sirí pipoca
O demônio de uma porca
Comeu sete dum bocado
Refrão

VII

Eu corri pra riba dela,
Aranquei-lhe da goela
Um pinto já machucado
Corri logo na botica
Comprar dois tostões de arnica
Que é remédio de "quebrado"

Refrão

VIII

É verdade meu "caboclo"
Carreguei duzentos côco
Nesse pinto amolestado
É verdade que eu não minto
Botei a sela no pinto !
"Ô pelado, venha cá !"

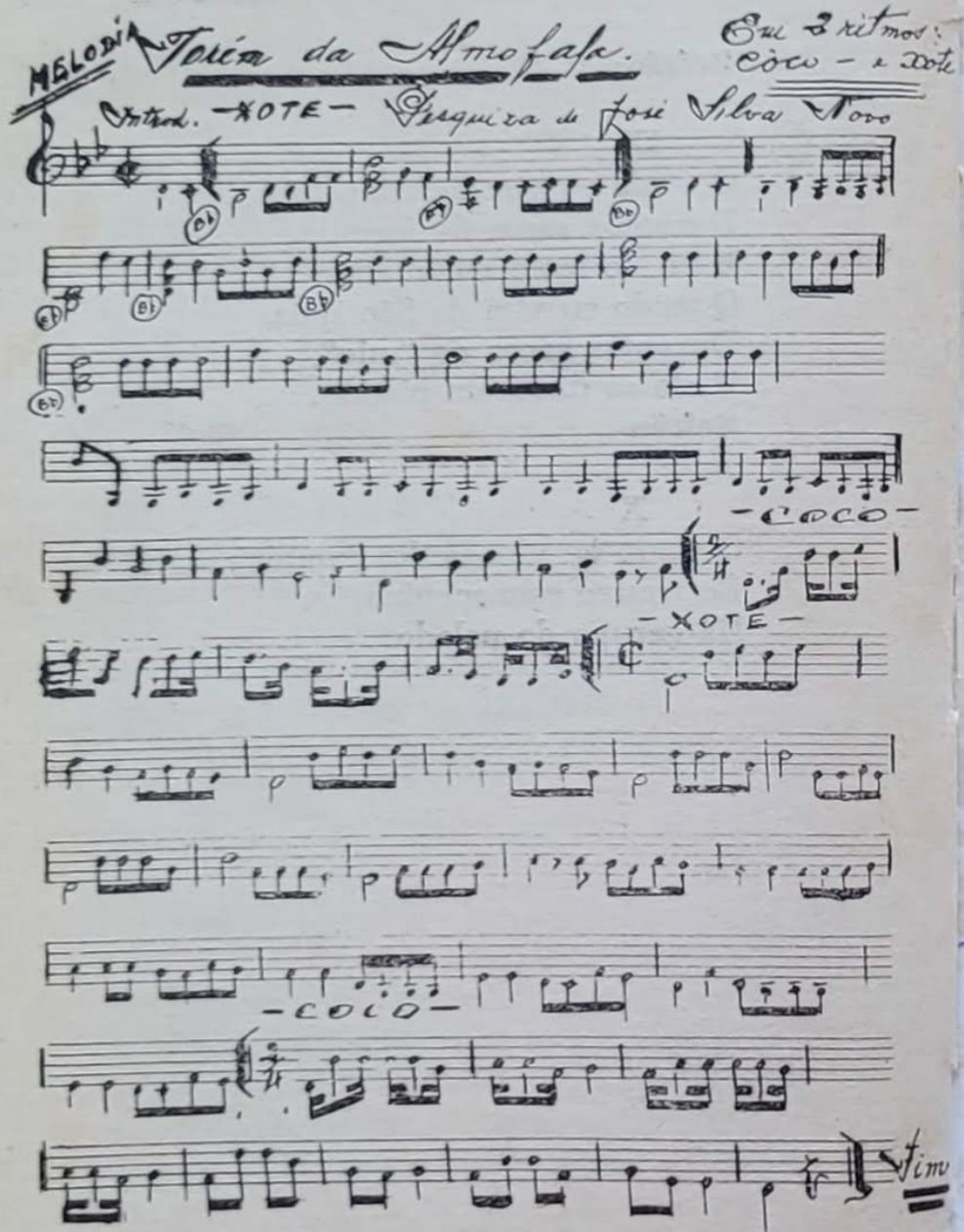
Refrão

IX

Quando eu vim da Alagoinha,
Duzentos sacos de farinha,
E eu no meio amontado.
Quando eu vim de São Luiz,
Duzentos sacos de "mio",
E ele só dava um piado...
Refrão

X

Quando eu vim lá das campina
Eu trouxe essa menina,
Na garupa do pelado...



ÍNDICE

		Pgs.
Cap. I	— Almofala dos Tremembés	17
Cap. II	— Exaltação à Almofala	29
Cap. III	— Lagoa-Seca com seus Usos, Costumes, Tradições e Superstições	33
Cap. IV	— Os Índios na Concha Acústica	41
Cap. V	— Os Tremembés e suas danças	55
Cap. VI	— Ode de Tremembés	67
Cap. VII	— Almofala comunitária e Características Geográficas	71
Cap. VIII	— Ritmos da Almofala	81

ver com os descendentes Tremembés. Presenteou-os, conseguiu sua amizade, obteve suas confidências, touxe-os ao seio da civilização, fazendo-os conhecer (já aqui com alguma ajuda oficial) Itapipoca e Fortaleza. Não contente, decide-se agora a publicar estas primeiras impressões, se assim podemos chamá-las, do que viu e colheu com Tia Chica e seus descendentes.

Aí estão opresentados o Torém e a Aranha com toda a força do seu esplendor ritual. Como resguardá-los para o futuro, preservar-lhes a pureza, graça e espontaneidade? No livro, está um texto — o que ja é muito, sem dúvida; faz-se mister, no entanto, continuar a tarefa iniciada, para que se possam reproduzir, anos avante, com toda a fidelidade, a coreografia, os meneios e a gesticulação próprios dessas primitivas manifestações artísticas.

F. SILVA NOBRE

034840
L0000034856